

Filosofia da educação, crítica e sensibilidade: as webcomics *Mentirinhas* e *Quadrinhos Ácidos* na perspectiva neopragmatista de Richard Rorty

Heraldo Aparecido Silva
Izabel Maria Gomes da Paz
Maria Alcidene Cardoso de Macedo

Resumo: O objetivo do artigo é apresentar as webtiras *Mentirinhas* e *Quadrinhos Ácidos* como recurso educativo crítico e sensibilizador na perspectiva neopragmatista de Richard Rorty. Na atualidade, pessoas autodenominadas como *normais*, fazem pré-julgamentos, humilham e ofendem outras pessoas ou comunidades pela cor, gênero, religião, sexualidade, forma física ou por considerá-las *estranhas* ou *diferentes*. Tais preconceitos são expressos através de diálogos persecutórios, comentários de ódio e ofensas. O aporte teórico baseou-se em Rorty (1995; 2000; 2007), Ghiraldelli Jr. (1999) e Silva (2019). Os temas abordados nas webcomics de Fábio Coala e Pedro Leite ilustram a filosofia rortyana de que é possível estimular a imaginação para que tanto a crítica e o sentimento atuem juntos

Heraldo Aparecido Silva. Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Professor Associado na Universidade Federal do Piauí (UFPI), vinculado ao Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia (UFPI). E-mail: heraldokf@yahoo.com.br

Izabel Maria Gomes da Paz. Graduanda em Pedagogia e bolsista no Programa Institucional de Iniciação Científica Voluntária – ICV / 2019-2020 na Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: izabellmaria10@gmail.com

Maria Alcidene Cardoso de Macedo. Graduanda em Pedagogia e bolsista no Programa Institucional de Iniciação Científica Voluntária – ICV / 2019-2020 na Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: alcidenec1@gmail.com

em prol da diminuição da crueldade e da expansão da solidariedade.

Palavras-chave: Webcomics; Narrativas; Sensibilidade; Solidariedade; Neopragmatismo.

Philosophy of education, criticism and sensibility:

the webcomics *Mentirinhas* e *Quadrinhos Ácidos* in the neopragmatist perspective of Richard Rorty

Abstract: The objective of the article is to present the webcomics *Mentirinhas* and *Quadrinhos Ácidos* as a critical and sensitizing educational resource in the neopragmatist perspective of Richard Rorty. Nowadays, people who call themselves normal, make pre-judgments, humiliate and offend other people or communities by color, gender, religion, sexuality, physical shape or by considering them strange or different. Such prejudices are expressed through persecutory dialogues, hateful comments and offenses. The theoretical contribution was based on Rorty (1995; 2000; 2007), Ghiraldelli Jr. (1999) and Silva (2019). The topics covered in the webcomics by Fábio Coala and Pedro Leite illustrate the Rortyan philosophy that it is possible to stimulate the imagination so that both criticism and sentiment work together in favor of reducing cruelty and expanding solidarity.

Keywords: Webcomics; Narratives; Sensitivity; Solidarity; Neopragmatism.

Introdução

De acordo com a perspectiva do filósofo neopragmatista norte-americano Richard Rorty (1994), nós descrevemos tudo ao nosso redor – coisas, pessoas, animais, culturas – de acordo com nossas necessidades e propósitos. Como tais descrições são nossas, elas são utilizadas como instrumentos para lidar com o mundo, ou seja, a linguagem é o nosso principal instrumento para lidarmos com a

realidade. Então, nessa perspectiva, as pessoas que praticam atos discriminatórios estão lidando com a realidade através de sua linguagem; todavia, isso precisa mudar, pois a partir do momento que as crenças de alguém ofendem e humilham outras pessoas, isto torna-se cruel e inaceitável.

O contexto atual de nossa sociedade é vivenciado pelo ódio crescente ao *diferente*: as pessoas julgam, humilham e ofendem pela cor, gênero, religião, sexualidade, forma física ou, simplesmente, em função de algo considerado *estranho*. Tais atitudes são expressas no dia a dia através de diálogos, comentários nocivos e palavras ofensivas que expressam desrespeito e crueldade com o próximo, ou seja, é através da linguagem que demonstramos nossas crenças, desejos e também preconceitos. Mas como essa situação pode mudar? Será que a educação, a arte e a filosofia podem ser úteis para essa meta?

Para Rorty, a modificação de nossa rede de crenças e desejos passa, necessariamente, por uma ação alternativa de nossos recursos linguísticos, isto é, trata-se de uma redescritção do próprio uso da linguagem, no sentido de substituir palavras e vocabulário carregados negativamente por conotações preconceituosas por vocábulos novos ou metafóricos que estimulem a imaginação, a sensibilidade e a tolerância entre os diferentes modos de ser, pensar, sentir e se expressar (SILVA, 2019).

A filosofia rortyana também pode ser aplicada no universo educacional como estratégia político-pedagógico para os professores, nos seus diversos níveis de ensino, propondo inclusive uma mudança de consciência, linguagem e atitude. Nesta concepção, a filosofia neopragmatista também pode ser considerada como uma “[...] filosofia da educação na medida em que Rorty possui uma reflexão

própria sobre a condução da educação nos dias de hoje. Ou seja, as reflexões filosóficas de Rorty também se debruçam sobre a educação na atualidade” (GHIRALDELLI, 1999, p. 17).

Assim, apresentaremos algumas possibilidades de uso das webcomics brasileiras *Mentirinhas* e *Quadrinhos Ácidos*, respectivamente, idealizadas pelos cartunistas Fábio Coala e Pedro Leite, a partir da perspectiva do neopragmatismo de Rorty para fins de crítica e sensibilização acerca das temáticas abordadas nas mesmas, enfatizando brevemente alguns aspectos relevantes na sociedade contemporânea e que podem ser trabalhados em sala de aula.

Narrativas, metáforas e a modificação da rede de crenças

Rorty (1995) considera que existem três modos pelos quais podemos alterar nossas crenças: por meio da percepção, da inferência e pela metáfora. As metáforas são palavras ou frases que, inicialmente, não têm significados fixos, mas que se apreciadas e usadas sistematicamente, poderão tornar-se significativas no âmbito de determinados contextos linguísticos ou jogos de linguagem. É através das metáforas que é possível (re)confeccionar nossas crenças e, assim, alterar o nosso comportamento linguístico, ou seja, através das redescrições de nós mesmos, dos outros e do mundo. Ao procedermos assim, estaremos agindo de forma diferente e é mediante pensamentos e ações alternativos que o mundo sempre mudou; e tal mudança podendo ser para melhor.

Essa mudança, como dita anteriormente, ocorre através das redescrições que, por sua vez, enfatizam a relevante a tarefa da imaginação, visto que é através dela que reescrevemos o mundo, as outras pessoas e a nós mesmos. Tal experiência, faz com que possamos nos

conectar com indivíduos com quem jamais pensamos que poderíamos ter algo em comum, pois:

Esse processo de passar a ver outros seres humanos como “um de nós”, e não como “eles”, é uma questão de descrição detalhada de como são as pessoas desconhecidas e de redefinição de quem somos nós mesmos. Essa não é uma tarefa para a teoria, mas para os gêneros como a etnografia, a reportagem jornalística, o livro de história em quadrinhos, o documentário dramatizado e, em especial o romance (RORTY, 2007, p. 20).

Assim, a perspectiva rortyana apresenta três modos que implicam na nossa capacidade de utilizarmos a imaginação, ou seja, de contarmos histórias. Os dois primeiros modos apresentados consistem em tecer narrativas nas quais pessoas consideradas *diferentes* estejam compartilhando ideias e sentimentos comuns a qualquer pessoa (RORTY, 1995).

No primeiro modo de contar histórias são defendidos os direitos já assegurados legalmente. Transpondo para o âmbito educacional, quando os professores compartilham com seus estudantes esses tipos de história, eles não estão apenas compartilhando narrativas sobre a luta por direitos já adquiridos na sociedade, mas também estão fortalecendo-os, como por exemplo, a luta pela igualdade entre negros, brancos e qualquer outra etnia.

O segundo modo trata de sensibilizar os alunos mediante perguntas que os incentivem a praticar um exercício de pensamento e empatia. Isso ocorrerá, eventualmente, quando questionarem suas crenças antigas mediante a inserção de novas crenças que evidenciem a importância, até então não percebida, de pessoas de culturas diferentes que, por exemplo, estão passando por situações dramá-

ticas. Então, o compartilhamento de histórias tristes e sensibilizadoras pode servir para estimular sua imaginação, fazendo-os se colocar no lugar daqueles que sofrem, gerando nos estudantes novos sentimentos e, com sorte, ações mais empáticas.

Já o terceiro modo implica em atitudes mais ousadas para que o fim da crueldade seja possível. Nesse sentido, propõe-se a possibilidade de contar histórias vistas, sob certo aspecto, como inaceitáveis ou loucas, simplesmente porque nunca foram contadas e porque mexem com o senso comum das pessoas, com valores morais e padrões de comportamento historicamente estabelecidos e supostas verdades universais. Tudo isso porque se trata de histórias nunca antes contadas, isto é, narrativas metafóricas. Então, quando contamos histórias desse tipo estaríamos inventando direitos jamais sonhados. Tal invenção de direitos seria possibilitada mediante a criação de novos vocabulários. Assim, caberia aos professores, segundo a perspectiva rortyana, alertar os estudantes para a criação imaginativa desses novos vocabulários, possibilitando que esses jovens descobrissem novos e melhores mundos, sem crueldade e sofrimento advindos de humilhações e preconceitos.

Dessa maneira, o uso da imaginação como forma de sensibilização é um recurso importante para chamar a atenção para possíveis crueldades cometidas em função da divergência de crenças ou atitudes. No contexto educacional, há muitas possibilidades de recursos imagético-textuais para o uso como ferramentas que possibilitem levantar questões, desenvolvendo a criticidade e sensibilidade dos alunos. A seguir, apresentaremos as histórias em quadrinhos como uma dentre as muitas estratégias que os docentes podem usar, especificamente, as tiras digitais publicadas na internet e que trazem as mais variadas temáticas.

○ uso das webtiras Mentirinhas

As webtiras ou webcomics da série *Mentirinhas* criada pelo quadrinista Fábio Coala, são tiras postadas na internet desde 2010 que tratam de diversos temas e que, como no próprio site elucida, são *Mentirinhas* contadas por todos nós diariamente. Dentre estas *Mentirinhas* apresentam temas polêmicos, como *bullying*, preconceito, racismo entre outros, que estão presentes em nossa sociedade e em nosso dia a dia.

O uso dessas tirinhas em sala de aula, pode possibilitar discussões acerca dessas temáticas que foram ou podem ser vivenciadas pelos alunos. Tais discussões auxiliam o processo de formação da criticidade discente, a partir da ação do professor em sala de aula e de uma possível sensibilização e respeito para com os outros.



Tira 1: Fábio Coala, 2011, *Mentirinhas* 86

Essa primeira tira, intitulada com a própria temática, o *bullying*, apresenta uma situação comum vivenciadas por crianças e adolescentes diariamente, que são humilhadas e ofendidas pelos colegas da escola ou do bairro, por diversos motivos.

No primeiro quadrinho o personagem Marcos é criticado por um colega pelas características de seu nariz, deixando-o muito triste. No quadro seguinte, outro menino o consola e diz para ele não chorar, dizendo que ele é o mais zoadado da escola por apresentar mais características físicas consideradas esquisitas ou feias, e então sugere o início de uma amizade e um aperto de mão, assim Marcos ao tocar a mão dele toma um choque e é chamado de idiota pelo garoto. Essa situação pode ser discutida em sala de aula, apresentando aos alunos como uma atitude que não é legal, enfatizando o sofrimento de quem sofre o *bullying*.

Percebe-se então, nessa tirinha, que o *bullying* cometido contra uma pessoa não é apenas pelas características físicas não aceitas pelos outros, mas também pelo jeito de ser característico de uma pessoa, a peculiaridade que o faz único. Através da análise e discussão em sala de aula é preciso abordar o *bullying* como algo que não deve ser tratado com normalidade e que necessita ser combatido em todas as suas formas e variações de agressão.



Tira 2: Fábio Coala, 2014, *Mentirinhas* 572

Nessa outra tirinha, com metafórico contexto diferente, é apresentado uma luta entre um possível guerreiro e um monstro. O homem no segundo quadrinho diz para o monstro se preparar para morrer, citando então seus defeitos de maneira rude, no terceiro quadrinho o monstro aparece muito triste e o homem pergunta o motivo.

No quarto quadrinho, o monstro diz que tais comentários são desleigos e que não é necessário expor seus defeitos dessa maneira. Por fim, o monstro sugere que as palavras do guerreiro são tão duras e afiadas quanto a espada dele; o homem, então, o abraça e pede perdão, dizendo que tal atitude reflete a insegurança dele.

Assim, é possível a partir da leitura dessa história, demonstrar que o *bullying*, é um ato de insegurança do agressor. E a partir das leituras e análise dessas tirinhas, é possível evidenciar as diferentes formas de *bullying* aos alunos, a diferença entre uma brincadeira entre colegas e a humilhação: ações que possibilitarão que este assunto seja discutido em sala de aula e ao sensibilizar os alunos, que seja evitado.



Tira 3: Fábio Coala, 2015, *Mentirinhas* 884

A temática tratada nessa tirinha é preconceito contra orientação sexual das pessoas, onde o personagem inicialmente apresenta comentários bem positivos em relação ao Jorge, o qual é descrito

no primeiro e segundo quadrinho como uma pessoa gente boa, que conversa sobre assuntos legais etc. Depois, essa percepção muda quando, no terceiro quadrinho, a mulher afirma que Jorge não é marido da Cláudia e sim namorado do Paulo. A expressão e os comentários do homem então mudam, sendo que dessa vez, as falas do mencionado personagem que até então eram elogiosas a Jorge, se transformaram em adjetivos de repulsa, classificando um gesto simples de amizade, o abraço, como um ato de safadeza.

Assim, podem ser levantadas questões acerca dessa mudança de descrições em decorrência de um único gesto. Pode-se questionar, por exemplo, por que tal comentário ocasionou essa mudança? Ou, ainda, por que até o primeiro momento no qual ainda não havia sido mencionada a sexualidade, ele era considerado um cara legal e, logo após, o mesmo já é visto de forma totalmente diferente? Enfim, essa súbita mudança de juízo de valor em relação à mesma pessoa é simplesmente um comentário preconceituoso? Tais questionamentos podem ser levantados no decurso das discussões em sala de aula com o propósito explícito de sempre enfatizar o respeito em relação ao outro.



Tira 4: Fábio Coala, 2014, *Mentirinhas* 596

Nessa tirinha é apresentado o preconceito racial, onde o pai logo após o filho apresentar seu amigo, diz que precisa conversar como ele e indaga que já teve colegas de trabalho negros, mas amigo não. Percebe-se que no segundo quadrinho o pai diz que não é preconceituoso, porém lança o julgamento acerca da amizade dos dois. Seu filho, então, no penúltimo quadrinho tranquiliza seu pai dizendo que ele não é amigo dele e no ultimo quadrinho diz que é namorado, dando à tirinha humor e crítica. Essa questão do humor presente deve ficar atendo ao professor que no momento da apresentação, deve enfatizar a questão do preconceito como uma atitude que não é engraçada.



Tira 5: Fábio Coala, 2014, *Mentirinhas* 734

Nessa outra tira, o racismo é tratado meramente como bobagem segundo o personagem do primeiro quadro, que afirma ter vários amigos negros. No segundo quadro, alguém faz uma pergunta que contesta o fato de nenhum desses supostos amigos estarem presentes no barzinho. Diante da ausência de uma resposta plausível, é sugerido que ele entre em contato com seus amigos negros. Então, o personagem principal, busca se justificar que não pode fazer isso com a alegação de que trocou o celular. No final, o protagonista reconhece um ex-colega de faculdade e se aproxima amistosamente

e afirma erroneamente que ele é negro, sendo que o próprio indivíduo elucida que é indiano. Essa tira aborda de modo exemplar o racismo presente em nossa sociedade, enfatizando que os personagens com declarações racistas e atitudes preconceituosas não se consideram como tal; infelizmente, algo bastante comum entre as pessoas nos dias atuais.



Tira 6: Fábio Coala, 2016, *Mentirinhas* 974

Já nesta outra tira, protagonizada por dois indivíduos, temos um exemplo bastante interessante dos abusos cometidos por líderes religiosos que agem com má-fé ao distorcer normas religiosas para benefício próprio. Nela, um homem chama pelo pastor que, por sua vez, trata-o com certa hostilidade ao julgá-lo pela aparência: presume que se trata de um mendigo e diz que não tem dinheiro. Diante da insistência do sujeito, que afirma não querer dinheiro, o inter-

rompe abruptamente e pergunta, de modo grosseiro, se ele quer se salvar antes mesmo de saber o que o homem deseja falar com ele. Então, no penúltimo quadrinho, o homem finalmente consegue falar que o motivo do diálogo é simplesmente para avisar que o pastor estacionou o carro em vaga exclusiva para deficientes. No último quadrinho, o pastor não se convence de que fez algo errado ao usufruir de um direito que não é seu, ao mesmo tempo em que apela, injustificadamente, para a crença religiosa no poder de Deus. Trata-se de um abuso de poder porque nada que esteja registrado nos textos sagrados de qualquer doutrina religiosa justifica privilégios assumidos pelos líderes religiosos que se colocam acima das demais pessoas.

Enfim, a tirinha encerra uma denúncia simples e uma crítica eficaz: todos somos iguais em termos de direitos e deveres, apenas com sutis diferenças legais de graus. E a religião serve apenas para conforto espiritual e não para outras finalidades em campos diversos como o da economia, sexualidade, educação, política, jurisprudência etc. Essa situação pode ser discutida em sala de aula para dar visibilidade às questões acerca da tensão entre racionalidade e sentimentalidade, como o julgamento preconceituoso baseado em aparências e as atitudes que são consideradas *banais* ou *sem importância*, exemplificada pelo ato de estacionar na vaga de deficientes, mas que escondem práticas sistemáticas de corrupção e insensibilidade (RORTY, 2005b).

Ironia, redescrição e sensibilidade

Na visão neopragmatista do filósofo Richard Rorty, a verdade é produzida a partir de vocabulários, onde estes mudam de acordo com o tempo, a história e a necessidade dos indivíduos ou comunidades. As novas linguagens são criadas e utilizadas para atender fins específicos de pessoas ou de grupos que os validam como estáveis e verdadeiros. Porém, tanto a ciência como a filosofia tradicional com seus vocabulários finais não são capazes de atender a todos os anseios da humanidade, sendo esta de caráter histórico evolutivo e muito complexo. Assim, a suposta verdade paradigmática, tão estimada na modernidade, é apenas um olhar dentre as infinitas possibilidades existentes: “Os ironistas encaram os escritos de todas as pessoas dotadas de talento poético, todas as mentes originais que tiveram um dom de redescrição [...] como material a ser processado no mesmo moinho dialético” (RORTY, 2007, p. 137-138). Na acepção rortyana a ironia consiste numa atitude de sistemática descrença e crítica em relação a qualquer tipo de vocabulários finais; enfatizando, em contrapartida, a necessidade de se admitir novos vocabulários, novos jogos de linguagem, novas literaturas, com o objetivo de alcançar o bem-estar humano, na difícil tarefa de conciliar projetos pessoais e interesses sociais.

Assim, a ironia passa a entender as diversas formas de produção humana de conhecimentos como descrições ou redesccrições como passíveis de modificação de acordo com o tempo e a necessidade. Tal contexto leva em consideração as contingências e as relatividades existentes; e que podem ainda ser usadas como ferramentas para, entre outras coisas, criar a necessária sensibilidade que con-

duz as pessoas à prática solidária na sociedade, que é o cultivo da capacidade empática do indivíduo de se colocar no lugar do outro. Segundo Rorty (2007, p. 20): “[...] esse processo de passar a ver outros seres humanos como um de nós e não como eles, é uma questão de descrição detalhada de como são as pessoas desconhecidas e de redescricao de quem somos nós mesmos”. Nessa perspectiva, prioriza-se tanto a capacidade de autocriação quanto a de socialização do indivíduo (RORTY, 2000).

Tal entendimento contribui para a formação de uma nova consciência individual e social, que é produzida a partir de novas descrições ou redescricões de verdades até então distas como imutáveis. O ser humano não é por natureza bom, nem justo, nem solidário; mas as práticas dos indivíduos estão associadas ao seu nível de relação social intencional, visto que: “[...] no nível mais profundo do eu, não há nenhum senso de solidariedade humana, que esse sentimento é um mero produto da socialização humana” (RORTY, 2007, p. 15). Para uma formação social justa e solidária, é imprescindível que se tenha a liberdade de pensar as diversas formas de expressão da experiência e do conhecimento humanos, a fim de utilizá-los como ferramentas para o processo de sensibilização do indivíduo e, por conseguinte, da própria sociedade, visto que a expansão da imaginação faz com que o indivíduo possa enxergar o outro com mais sensibilidade: não mais como *o outro*, e sim como parte importante de si mesmo e de sua comunidade. “Essa não é uma tarefa para a teoria, mas para gêneros como a etnografia, a reportagem jornalística, o livro de histórias em quadrinhos, o documentário dramatizado e, em especial, o romance” (RORTY, 2007, p. 20).

A redescricao é relevante para o cultivo da sensibilidade que permite aos indivíduos – e conseqüentemente à sociedade – a possibi-

lidade de recriar-se, através da adoção de novas práticas de solidariedade individual e coletiva. Assim, os processos educacionais de socialização e individualização seriam mais humanizados para contribuir com a progressiva diminuição da crueldade, esta terrível forma de dor e sofrimento humano que se manifesta de diversas formas e em várias instâncias: pessoal, social e institucional (RORTY, 2000). Segundo Rorty (2007, p. 20): “Essa maior sensibilidade torna mais difícil marginalizar pelo pensamento as pessoas diferentes de nós”. Então, já que as contribuições do neopragmatista são importantes também no campo educacional, analisamos as webtiras *Quadrinhos Ácidos* para abordar temas sociais contemporâneos.

Quadrinhos Ácidos como possibilidade de crítica e redescritção

Criadas pelo brasileiro Pedro Leite e publicadas desde abril de 2013, os *Quadrinhos Ácidos* têm 90 mil seguidores e 80 mil visualizações mensais em seu site. As webtiras trazem críticas atuais com bom humor *corrosivo* e acentuada carga interpretativa pessoal que faz com que os leitores se identifiquem facilmente com as situações e temas cotidianos, servindo como base para a autorreflexão sobre práticas e valores sociais.

QUADRINHOS ÁCIDOS EM:

CONSUMISMO

POR PEDRO LEITE



@pedroleiteok

@quadrinhosacidos



Tira 7: Pedro Leite, 28 de junho de 2018, *Quadrinhos Ácidos*

Esta tirinha critica diretamente o consumismo. Podemos considerar isto como um ato de insensibilidade e crueldade com os seres humanos, ao observar várias situações que promovem o estímulo ao desejo desenfreado pelo consumo. Tal contexto problemático leva o indivíduo a comprar o desnecessário, solapando os seus poucos recursos e, ainda, provoca o sentimento de desvalorização, inferioridade e de preconceito em relação àqueles que não podem atender aos apelos da mídia capitalista, dentre outros.



@pedroleiteok



@quadrinhosacidos



Tira 8: Pedro Leite, 10 de maio de 2019, *Quadrinhos Ácidos*

Já nessa outra tira, temos quatro expressões similares de tipos diversos de preconceitos. Assim, respectivamente, os quadros retratam atitudes preconceituosas em relação às opções livres, simples e pessoais que outros indivíduos escolheram para viver suas vidas: ser abstinente, praticar o vegetarianismo, não formalizar juridicamente ou religiosamente a união com outra pessoa e ser homoafetivo. A tira não caracteriza prática do *bullying* entre os personagens, mas explicita a ausência da valorização das diferenças, mostrando também que na sociedade contemporânea tem pouco espaço para as minorias. É importante que a discussão de tais temas atuais em sala de aula seja promovida pelos filósofos e profissionais da educação (RORTY, 2005a).



Tira 9: Pedro Leite, 16 de abril de 2019, *Quadrinhos Ácidos*

Nesta outra webtira, a situação apresentada ilustra o modo como o preconceito está impregnado na sociedade contemporânea de tal forma que parece *normal*. Como tema principal, o preconceito especificado é contra as mulheres, que são pejorativamente descritas em função de suas aparências, através de termos usados em frases simples do dia a dia.

A tirinha mostra o julgamento das pessoas pela aparência, pois não considera de fato o que as pessoas são, visto que os indivíduos não buscam se colocar no lugar do outro. Essa falta de empatia também é difundida, sob determinado aspecto, pela mídia que pro-

move, por exemplo, o tipo ideal de mulher ou mulher perfeita, desvalorizando as mulheres como ser humano, mostrando-as apenas como um objeto; tornando-as ainda mais vítimas de preconceitos todas as mulheres que estão fora de tais padrões.

JORNAL SENSACIONAL



@quadrinhosacidos



Tira 10: Pedro Leite, 07 de abril de 2018, *Quadrinhos Ácidos*

Já a tira intitulada ironicamente de *Jornal Sensacional*, numa sutil alusão ao sensacionalismo subjacente ao pseudojornalismo que explora dramas individuais e tragédias pessoais para alavancar audiência, mostra a insensibilidade da mídia à dor e ao sofrimento. Esse tipo de exposição midiática objetiva apenas a autopromoção através de exposição inescrupulosa de tais situações dramáticas, demonstrando total falta de respeito e solidariedade para com os seres humanos. Outra crítica que também pode ser feita a partir dessa temática concerne ao fato de que na sociedade contemporânea tudo é apresentado de forma extremamente rápida, como se tudo fosse orquestrado pelo lema segundo o qual não há tempo a perder, pois tempo é dinheiro. Em contrapartida, a redescrição social da experiência retratada na *webcomic* poderia servir como incentivo para a imaginação, no sentido de afetar o leitor a tal ponto que o mesmo sentisse a necessidade empática de se colocar no lugar das pessoas que sofreram tal violência.

Considerações Finais

Diante do atual contexto social, exige-se que se tenha práticas educativas mais sensibilizadoras em sala de aula, onde as discussões sobre diferentes temáticas como, preconceitos, *bullying*, racismo ou discriminação tornam-se necessárias para que os estudantes se tornem não apenas mais críticos mas também mais sensíveis aos diversos dramas humanos: pessoais, sociais e na relação com a natureza e os animais. Tais discussões podem ser promovidas de forma lúdica e dinâmica, sem perder o rigor e a profundidade filosófica, a partir de histórias em quadrinhos ou tirinhas digitais,

possibilitando uma interação mais eficaz em sala de aula, entre professores e alunos.

Especificamente, nesse artigo, investigamos algumas possibilidades em torno da filosofia e filosofia da educação do neopragmatista norte-americano Richard Rorty para utilização em sala de aula. A partir de suas ideias, abordamos duas webtiras brasileiras contemporâneas, *Mentirinhas* e *Quadrinhos Ácidos*, como exemplos de possibilidades efetivas de propostas educativas e sensibilizadoras sobre temas sociais relevantes. A única ressalva necessária é que, cabe ao docente estudar os gêneros da arte sequencial (histórias em quadrinhos) para pesquisar, selecionar e aplicar em sala de aula os materiais (no caso, as webtiras) consideradas adequadas ao nível e proposta de ensino-aprendizagem, ao contexto social, econômico e cultural dos estudantes e aos próprios objetivos da discussão em sala de aula.

Então concluímos que, tanto *Mentirinhas* quanto *Quadrinhos Ácidos* apresentam em seus respectivos escopos temáticos elementos que, mediante uma ação docente bem planejada previamente, favorecem a formação crítica e sensível dos estudantes em relação às questões pessoais e sociais. Tal prática educativa solidarista, conforme a filosofia de Rorty, contribui para nos sensibilizar acerca do sofrimento de pessoas consideradas *diferentes*, fazendo com que essas pessoas não sejam mais vistas como *estranhas* e sim como *uma de nós*.

Referências

COALA, Fábio. *Mentirinhas*. Disponível em: <<http://mentirinhas.com.br>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

GHIRALDELLI JR., Paulo. *Richard Rorty: a filosofia do novo mundo em busca de mundos novos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

LEITE, Pedro. *Quadrinhos Ácidos*. Disponível em: <<http://www.quadrinhosacidis.com.br/>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

RORTY, Richard. Philosophy as science, as metaphor, and as politics. In: RORTY, Richard. *Essays on Heidegger and others: philosophical papers 2*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 9-26.

RORTY, Richard. Education as socialization and individualization. In: RORTY, Richard. *Philosophy and Social Hope*. London: Penguin, 2000. p. 114-126.

RORTY, Richard. Racionalidade e diferença cultural. In: RORTY, Richard. *Verdade e progresso*. Trad. Denise R. Sales. Barueri, SP: Manole, 2005a. p. 199-223.

RORTY, Richard. Direitos humanos, racionalidade e sentimentalidade. In: RORTY, Richard. *Verdade e progresso*. Trad. Denise R. Sales. Barueri, SP: Manole, 2005b. p. 199-223.

RORTY, Richard. Contingência, ironia e solidariedade. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SILVA, Heraldo Aparecido. A caixa de ferramentas conceituais de Richard Rorty: o uso de técnicas ad hoc. *Cognitio-Estudos* (PUC-SP), v. 16, n.2, p. 257-267, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitio/article/view/41612/30934>. Acesso em: 10 out 2020.